

BENJAMIN LUDWIG

«Capaz de nos aquecer e partir o coração ao mesmo tempo, a procura de Ginny por um lugar seguro leva-a a encontrar a sua própria voz.»

Kirkus Reviews

A verdade segundo

GINNY MOON



TOP
SEL
LER

UM DOS LIVROS DO ANO
DE 2017 PARA A AMAZON!

*Para a minha mulher, Ember,
que ama sem limites.*



18h54,
TERÇA-FEIRA, 7 DE SETEMBRO

O bebé electrónico de plástico não para de chorar. Os meus Pais Para Sempre disseram que é suposto ele ser como um bebé verdadeiro, mas não é. Não consigo fazê-lo feliz. Nem quando o embalo. Nem quando lhe mudo a fralda e lhe dou um biberão. Quando digo «pronto, pronto, pronto» e o deixo chupar-me o dedo, ele limita-se a manter aquela expressão pateta e grita, grita, grita.

Seguro-o junto a mim uma vez mais e digo para mim mesma *Com muito cuidado, Com muito cuidado*. Então, experimento todas as coisas que a Gloria costumava fazer sempre que eu me *passava da cabeça*. Depois disso, coloco-lhe a mão atrás da cabeça e movo-me para cima e para baixo sobre os dedos dos pés.

— Já passou. Já passou — digo. Dos agudos para os graves, como numa canção. E depois: — Peço muita desculpa.

Mas, ainda assim, ele não para.

Pouso-o sobre a minha cama e, quando o choro se torna mais alto, começo a procurar a minha Bonequinha. A verdadeira. Muito embora saiba que ela não está ali. Deixei-a no apartamento da Gloria, mas os bebés chorões deixam-me mesmo, mesmo ansiosa, pelo que tenho de procurar. É como uma regra dentro do meu cérebro. Procuro nas minhas gavetas. Procuro no guarda-fatos. Procuro em todos os sítios onde uma Bonequinha pudesse estar.

Até na mala. A mala é grande e preta e tem o formato de uma caixa. Tiro-a de debaixo da cama. O fecho dá a volta toda à mala. Mas a minha Bonequinha não está lá dentro.

Respiro fundo. Tenho de fazer com que o choro pare. Se o guardar na mala e lhe puser suficientes cobertores e animais de peluche à volta e a empurrar, novamente, para debaixo da cama, talvez pare de o ouvir. Será como se tivesse arrumado o barulho dentro do meu cérebro.

Porque o cérebro fica dentro da cabeça. É um sítio escuríssimo onde ninguém consegue ver nada, exceto eu.

Portanto, é isso que faço. Coloco o bebé eletrónico de plástico na mala e começo a pegar nos cobertores. Tapo-lhe a cara com os cobertores e, depois, disponho uma almofada e alguns animais de peluche. Estou em crer que, passados alguns minutos, o barulho parará.

Porque, para chorar, é necessário que se consiga respirar.



19h33
TERÇA-FEIRA, 7 DE SETEMBRO

A cabei de tomar duche, mas o bebé electrónico de plástico continua a chorar. Por esta altura, era suposto estar calado, mas não está. Os meus Pais Para Sempre encontram-se sentados no sofá, a ver um filme. A minha Mãe Para Sempre tem os pés dentro de um alguardar de água. Diz que, ultimamente, têm andado *inchados*. Entro na sala de estar, paro diante dela e espero. Porque ela é uma mulher. Estou *muito mais à vontade com mulheres* do que com homens.

— Olá, Ginny — diz a minha Mãe Para Sempre enquanto o meu Pai Para Sempre carrega no botão de pausa. — O que é que se passa? Estás com ar de quem quer dizer alguma coisa.

— Ginny — diz o meu Pai Para Sempre —, andaste outra vez a depenicar as mãos? Estão a sangrar.

Foram duas perguntas, pelo que não digo nada.

Então, a minha Mãe Para Sempre diz:

— Ginny, o que é que se passa?

— Já não quero o bebé electrónico de plástico — digo.

Ela afasta o cabelo da testa. Gosto muito do cabelo dela. Este verão, ela deixou-me tentar fazer-lhe tranças.

— Já se passaram quase 40 minutos desde que entraste para o chuveiro — diz ela. — Tentaste fazer com que parasse? Toma. Segura nisto até te arranjarmos uns pensos.

Ela dá-me um guardanapo.

— Dei-lhe um biberão e mudei-lhe a fralda três vezes — digo. — Embalei-o e ele não parava de chorar, pelo que eu...

Então, paro de falar.

— Agora, está a fazer uma espécie de som diferente — diz o meu Pai Para Sempre. — Não sabia que podia ficar assim tão alto.

— Podes fazê-lo parar, por favor? — digo à minha Mãe Para Sempre. E, depois, de novo: — Por favor?

— É ótimo ouvir-te pedir ajuda, Ginny — diz a minha Mãe Para Sempre. — A Patrice ficaria orgulhosa.

Ao longe, ao fundo do corredor, ouço de novo o choro, pelo que começo a procurar sítios onde me esconder. Porque me lembro de que a Gloria costumava sempre sair do quarto quando eu não conseguia fazer com que a minha Bonequinha parasse. Especialmente se tivesse a visita de um namorado. Às vezes, quando ela chorava e eu a ouvia a aproximar-se, costumava pegar na minha Bonequinha e trepar para fora da janela.

Agarro com força no guardanapo e fecho os olhos.

— Se a fizeres parar, pedirei sempre ajuda — digo e, depois, volto a abrir os olhos.

— Vou lá ver — diz o meu Pai Para Sempre.

Põe-se de pé. Quando passa por mim, *retraio-me*. Então, vejo que não é a Gloria. Ele olha-me com estranheza e segue para o corredor. Ouço-o abrir a porta do meu quarto. O choro volta a ficar mais alto.

— Não sei se esta ideia está a funcionar — diz a minha Mãe Para Sempre. — Nós queríamos que tu visses como é ter um bebé a sério cá em casa, mas isto não está a correr como tínhamos planeado.

No meu quarto, o choro torna-se tão alto quanto é possível ficar. O meu Pai Para Sempre volta a sair de lá. Tem uma das mãos no cabelo.

— Ela meteu-o na mala — diz ele.

— O quê?

— Tive de seguir o som. A princípio, não o via em parte alguma. Ela enfiou-o lá, com uma data de cobertores e animais de peluche, correu o fecho e, depois, voltou a empurrar a mala para debaixo da cama — diz ele.

— Ginny, porque é que fizeste uma coisa dessas? — pergunta a minha Mãe Para Sempre.

— Ele não parava de chorar.

— Sim, mas...

O meu Pai Para Sempre interrompe-a.

— Olha, vamos endoidecer todos se não pusermos um fim a isto. Tentei fazê-lo parar, mas também não consegui. Creio que chegou a um ponto em que já não para. Vamos, simplesmente, telefonar à professora Winkleman.

A professora Winkleman é a professora de Saúde.

— Ela disse que deu o número de telefone de emergência à Ginny, esta manhã — diz a minha Mãe Para Sempre. — Está num pedaço de papel. Vê na mochila dela.

Ele dirige-se ao corredor e volta a abrir a porta do meu quarto. Tapo os ouvidos. Volta a sair, já com a minha mochila na mão. A minha Mãe Para Sempre descobre o papel e pega no seu telemóvel.

— Professora Winkleman? — ouço-a dizer. — Sim, é a mãe da Ginny. Peço desculpa por telefonar tão tarde, mas temo que estejamos a ter um problema com o bebé.

— Não te preocupes, Filha Para Sempre — diz-me o meu Pai Para Sempre. — Dentro de alguns minutos estará resolvido e, depois, podes preparar-te para ir para a cama. Peço desculpa por isto ser tão intenso e irritante. Nós achámos mesmo...

A minha Mãe Para Sempre pousa o telemóvel.

— Ela diz que há um buraco na parte de trás do pescoço. Tem de se enfiar um clip no buraco para se tocar num botão e desligá-lo.

Ele entra no escritório e, depois, volta a sair e caminha corredor fora até entrar no meu quarto. Começo a contar. Quando chego aos 12, o choro para.

E, agora, consigo respirar novamente.



14h27,
QUARTA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO

Quando estava na quarta aula — Estudos Sociais —, a professora Lomos entrou na sala de aula para me dar um recado. Ela é a minha orientadora escolar. Tem uns grandes brincos redondos e usa imensa maquiagem.

— Os teus pais vêm à escola para uma reunião — disse ela. — Depois, levam-te para casa, pelo que, quando ouvirmos os avisos da tarde e a campainha tocar, limita-te a ficar na Sala 5 com a professora Dana. Podes fazer os teus trabalhos de casa durante um bocadinho. A dado momento, eles não de chamar-te, pois querem que tu participes.

Portanto, neste preciso momento, encontro-me na Sala 5, que é onde tenho parte das aulas de Inglês com todas as outras crianças especiais. Porque tenho *autismo* e *deficiências do desenvolvimento*. Ontem, ninguém me disse que hoje haveria uma reunião. Suponho que seja acerca do bebé eletrónico de plástico.

A professora Dana está de serviço ao autocarro. Vejo-a do lado de fora da janela, a usar o seu colete cor de laranja. Encontra-se junto ao autocarro número 74, que é o meu autocarro. Atrás e à frente deste, estão outros autocarros. Filas e filas de miúdos estão a entrar neles. No corredor, todos os miúdos desportistas estão a preparar-se para os treinos. A Alison Hill e a Kayla Zadambidge já se foram embora. São as outras duas miúdas que vão para a Sala 5 comigo e com o Larry.

Normalmente, os autocarros partem à 14h30, mas três minutos não são suficientes para que eu vá à Internet. Há muito tempo que ando a tentar entrar sozinha; não me permitem usá-la sem a presença de um adulto.

Certa vez, quando estava com a Carla e o Mike, escondi o portátil da Carla debaixo da minha camisola e levei-o para dentro do guarda-fatos. Estava a escrever «Gloria LeBla...» no *Google* quando a porta se abriu e a Carla me descobriu. Levou o portátil e, quando eu me levantei, ela *deu-me nas orelhas* e gritou e berrou.

E isso deixou-me assustada, assustada, assustada.

Então, mais tarde, na escola, quando estava a fazer uma redação acerca de grandes felinos, tentei procurar no *Google* «Gloria vende sobretudo gatos *Maine Coon*»¹ porque é isso que a Gloria faz para ganhar dinheiro. Mas a minha professora apanhou-me e, quando vim para esta nova escola, na minha nova Casa Para Sempre, os meus novos Pais Para Sempre disseram que não posso ir à Internet, nunca, porque têm de me manter em segurança. Depois, a Maura disse que tanto ela como o Brian me amam e que a Internet *simplesmente não é segura*. *Simplesmente não é segura porque sabemos que andas à procura da Gloria é* aquilo que, na verdade, ela queria dizer, muito embora não tenha dito esta última parte.

E a minha Mãe Para Sempre tem razão, porque a Gloria está lá no apartamento com a minha Bonequinha. Eu não sei em que cidade é que fica o apartamento. Preciso de saber se ela descobriu a minha Bonequinha ou se já se passou demasiado tempo e, agora, já vou *demasiado tarde*. Se não for demasiado tarde, tenho de tirá-la depressa da mala e voltar, de novo, a tratar dela com todo o cuidado, porque, às vezes, a Gloria vai-se embora durante dias e dias. Ainda por cima, ela leva lá muitos namorados. E zanga-se e bate. E o Donald também, quando está na cidade. «Quem me dera poder estar aqui mais vezes, mas não posso», costumava dizer-me a Crystal com C quando eu lhe contava as coisas que a Gloria andava a fazer. «Portanto, assegura-te de que tratas muito bem da tua Bonequinha, exatamente como a tua mãe te diz. Ela será sempre a tua bebezinha, aconteça o que acontecer.»

Saio de dentro do meu cérebro e começo a depenicar os dedos.

O Larry entra na sala. Pousa a sua mochila sobre uma carteira, encosta as órteses dos braços à parede e senta-se. As órteses dos braços são como muletas só que estão presas ao corpo. Fazem com que o Larry pareça um gafanhoto. O Larry tem o cabelo castanho e os olhos castanhos. Os meus olhos são verdes. Ainda por cima, ele está sempre a cantar e não gosta de matemática como eu gosto.

— Olá, miúda — diz ele.

¹ Raça de gatos norte-americana, de pelo longo. [N. do T.]

Portanto, eu digo:

— Larry, eu não sou uma miúda. Tenho 13 anos. Ainda não sabes isso? Isto é *enfadonho*.

Enfadonho significa que se diz uma coisa repetidamente e as pessoas ficam irritadas, como quando a Patrice me costumava dizer a toda a hora que *eu própria era um bocadinho como uma bonequinha*, quando eu estava no apartamento com a Gloria. Era isso que ela dizia quando eu lhe tentava dizer que precisava de ir ver como ela estava. Ela não compreendia de todo.

O Larry estica os braços para frente e boceja.

— Eh, pá, estou cansado. Foi um dia mesmo comprido — diz ele. — Tenho de ficar aqui até a minha mãe me vir buscar para ir ao treino de voleibol da minha irmã.

— Devias fazer os teus trabalhos de casa enquanto esperas — digo, porque foi isso que a professora Lomos me disse para fazer. Pego no meu manual de Inglês e vou para a página 57, a qual tem um poema de Edgar Allan Poe.

— Nã — diz o Larry. — Vou ver o meu *Facebook*. Criei um perfil ontem.

Ele põe-se de pé, volta a enfiar os braços nas ortóteses e dirige-se ao computador. Os meus olhos seguem-no.

— Tens *Facebook*? — diz o Larry ao chegar ao computador. Sem se virar. Escreve no teclado.

Eu olho para baixo, para as minhas mãos.

— Não — digo.

— Então, miúda, tens de arranjar. — Ele olha para mim. — Anda cá, deixa-me mostrar-te. Estão cá todas as crianças fixes, topas?

O Larry está sempre a dizer «topas?»: Acho que «topas?» é, sobretudo, força de expressão.

— Não tenho autorização para usar a Internet sem a presença de um adulto — digo.

— Pois é. Já me lembro — diz o Larry. — Porque é que os teus pais não te deixam?

— Porque a Gloria está na Internet.

— Quem é a Gloria?

— A Gloria é a minha Mãe Biológica. Eu costumava viver com ela.

Então, paro de falar.

— É fácil descobri-la? — diz o Larry.

Abano a cabeça.

— Não — respondo. — Tentei descobri-la três vezes na Internet, quando estava em diversas Casas Para Sempre, mas estão sempre a interromper-me.

— Qual é mesmo o nome dela?

— Gloria.

Dou por mim a pôr-me de pé. Sinto-me excitada e lesta, porque sei que o Larry me vai ajudar.

— Gloria *quê?*

Inclino-me para a frente e olho-o de lado, por cima dos óculos. Afasto o cabelo da cara, mas ele volta a cair. Quem me dera ter um elástico.

— Gloria *LeBlanc* — digo.

Já há muito tempo que não dizia o nome *LeBlanc* com a minha boca. Porque esse era o meu nome antigamente. É como se tivesse deixado para trás o meu eu *original* quando vim viver com os meus novos Pais Para Sempre. Com o Brian e a Maura *Moon*. Agora, o meu nome é Ginny Moon, mas ainda sobram pedaços do meu eu *original*.

Portanto, é como se eu me tivesse transformado na Ginny Moon original.

— Soletre isso — diz o Larry, pelo que o faço.

O Larry escreve e, então, afasta-se e aponta para a cadeira. Sento-me.

E vejo-a.

A Gloria, que me batia e, depois, me dava abraços e chorava. A Gloria, que estava sempre a deixar-me sozinha no apartamento, mas que me dava bebidas requintadas quando nos sentávamos no sofá a ver filmes de terror, que dizia que era *uma espertalhona, independentemente do que dissesse quem quer que fosse* porque tinha *passado com distinção nos exames de equivalência ao décimo segundo ano*, o que, no meu cérebro, me fazia ver um desfile de raparigas com saias bonitas a girarem bastões, com serpentinas e ovações.

A Gloria, a segunda pessoa mais assustadora que conheço.

A Gloria, a minha Mãe Biológica.

A camisa e o cabelo da Gloria, sobretudo, estão diferentes, mas, pelo menos, tem fotografias de *Maine Coons* por toda a sua página. E a Gloria continua a usar óculos e está mesmo, mesmo magra, tal como eu. Não a vejo nem falo com ela desde que tinha 9 anos. Isso foi quando a Polícia apareceu e ela disse: «Lamento muito! Lamento muito, Ginny!»

Neste preciso momento, tenho 13 anos, mas, no dia 18 de setembro, farei 14, o que, depois de hoje, são nove dias porque:

18 de setembro

– 9 de setembro

Ainda por cima, 9 anos é a idade que eu tinha quando começou a primeira Adoção. Basicamente, os dois meses anulam-se um ao outro.

— Miúda? — diz o Larry.

Está a falar comigo. Saio de dentro do meu cérebro.

— O que foi?

— Queres ver se ela está disponível no chat?

Estou excitada. Porque chat significa conversar.

O Larry aponta para uma parte do ecrã.

— É aqui — diz ele. — Basta carregares aqui.

Portanto, carrego e, então, vejo um campo onde posso escrever.

— Escreve o que lhe queres dizer — diz o Larry. — Diz, simplesmente, «olá» e faz-lhe uma pergunta.

Eu não quero dizer «olá». Em vez disso, escrevo a pergunta que estou sempre a fazer a toda a gente e que nunca, nunca, nunca ninguém compreende:

Encontraste a minha Bonequinha?

E, depois, espero.

— Tens de carregar em Enviar — diz o Larry.

Mas, na verdade, não o ouço porque as imagens da Polícia e da Gloria e da cozinha se estão a movimentar tão depressa que não consigo ver mais nada. Estou, novamente, a afundar-me no meu cérebro. Vejo a Gloria com a sua cara esborrachada contra a janela e a Polícia a segurá-la lá. Vejo a porta arrombada e a luz vinda do exterior e dois gatos a fugirem lá para fora. Não me lembro de quais.

— Deixa estar — ouço o Larry dizer. — Eu carrego por ti.

À minha frente, vejo a seta a movimentar-se no ecrã. Toca no botão de Enviar e, então, começo a contar porque, quando alguma coisa pode acontecer, tenho de ver até quantos consigo contar antes de isso se dar, especialmente dado tratar-se da resposta pela qual tenho estado à espera, há quatro anos inteiros.

Passam-se seis segundos. Então, algumas palavras aparecem no ecrã, por debaixo daquelas que eu escrevi. As palavras dizem:

És tu, Ginny?

Mas isso não é uma resposta à minha pergunta. Apetece-me depenicar os dedos, mas não posso porque há uma pergunta no ecrã e é a minha vez

de escrever. Portanto, escrevo Sim, é a Ginny. Não respondeste à minha pergunta. E carrego em Enviar tal como o Larry me mostrou.

Então, pisca mais uma palavra no ecrã do computador. Está em letras maiúsculas e está a gritar. A palavra é:

SIM!

E, depois:

SIM, ENCONTRÁMOS A TUA BONEQUINHA. ONDE RAIO É QUE TU ESTÁS?!

Apetece-me escrever «Estás a tomar bem conta dela?»), mas as minhas mãos estão a tremer tanto que não consigo obrigá-las a fazerem o que quero. Ainda por cima, a Gloria fez uma pergunta. Abro e fecho as mãos três vezes e ponho-as entre os joelhos e volto a tirá-las e escrevo: Na Sala 5 com o Larry.

E, então, ela escreve:

QUEM É O LARRY? QUAL É A TUA MORADA?

Agora, estou a depenicar os dedos. Tenho de o fazer porque não quero falar acerca do Larry nem de qual é a minha morada. Só quero falar acerca da minha Bonequinha. Porque, muito embora a Gloria tenha dito «SIM!» e «ENCONTRÁMOS A TUA BONEQUINHA», não sei se ela está a dizer a verdade nem se a minha Bonequinha está bem. Porque a Gloria é *pouco fiável e inconsistente* e é ela que mente. Portanto, abro e fecho as mãos mais duas vezes e lembro-me de respirar e, depois, escrevo: O Larry é meu amigo. 57, Cedar Lane, Greensbor...

Paro de escrever porque ouço a professora Dana no corredor. Ouço-a conversar com outra pessoa qualquer. Outra professora, suponho.

O que quer dizer que, dentro de um minuto, vou ser apanhada.

— Miúda? — diz o Larry.

Encontra-se de pé atrás de mim. A sua voz parece *ansiosa*.

Portanto, escrevo Tenho de ir, mas, mal carrego em Enviar, apetece-me voltar atrás e dizer também «Podes, por favor, por favor, por favor, trazer-me a minha Bonequinha?»), mas já passou a minha vez e a professora Dana vai entrar na sala a qualquer segundo.

Levanto-me depressa para me afastar do computador. Então, alguém me toca no ombro, pelo que me *retraio*.

Quase caio. Quando vejo que é apenas o Larry e que ninguém me está a fazer mal, baixo o braço e volto a olhar para o ecrã, onde consigo ler outra palavra:

MANICOON.COM

E, depois:

É ONDE ME ENCONTRAS, PELO SIM, PELO NÃO.

E, depois:

QUE SE LIXE! VOU A CAMINHO. ESTAREI AÍ AMANHÃ.

Afasto o olhar. Não vejo a Gloria nem o apartamento nem a minha Bonequinha. Só vejo o Larry com um dos seus braços fora de uma ortótese e com a mão levantada no ar.

— Ena, pá — diz ele. — Estás bem? Anda. Temos de nos sentar e tirar os nossos livros cá para fora. — Então, morde o lábio e diz: — Vou desligar o computador. Não te passes da cabeça, está bem?

Ele estica-se, põe uma mão sobre o rato, carrega na palavra Encerrar e, depois, carrega no X no canto superior do ecrã. Vai para a sua carteira e senta-se. Empurro a cadeira para trás, endireito-me, esfrego a sujidade das minhas mãos e olho para o retrato do Edgar Allan Poe.

A professora Dana entra na sala.

— Ginny, os teus pais estão à tua espera — diz ela — no gabinete da professora Lomos.

Levanto-me, pego na minha mochila e saio da sala. Quando chego ao corredor, começo a correr. Corro com os dedos a tocarem na parede. Sinto que sou capaz de cair se não estiver sempre a tocar nalguma coisa, pelo que corro e corro e corro. Continuo excitada, mas também estou com medo.

Porque a Gloria vem cá. Aqui à minha escola.



14h50,
QUARTA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO

Os meus Pais Para Sempre encontram-se à porta do minúsculo gabinete da professora Lomos.

— Vamos para a sala de reuniões, Ginny — diz a professora Lomos.

Damos cinco passos para chegar à sala de reuniões, que fica do outro lado do corredor. Os meus Pais Para Sempre sentam-se à mesa, pelo que me sento também.

— Olá, Ginny — diz a minha Mãe Para Sempre.

— Olá — respondo-lhe.

Ela senta-se com as mãos sobre a sua grande barriga redonda, que é tão grande quanto uma bola de basquetebol. A barriga do meu Pai Para Sempre também é grande e a sua cara é redonda, mas não tem uma barba branca nem um nariz como uma cereja.

— Ginny, os teus pais vieram cá falar acerca do que aconteceu na noite passada, com o bebé eletrónico — diz a professora Lomos.

Eu permaneço sentada e aguardo que eles falem. Mas eles não dizem nada.

— Eles informaram-me de que o meteste numa mala — diz a professora Lomos. — É verdade?

— Refere-se ao bebé *eletrónico de plástico*? — digo.

Ela olha-me de uma forma estranha.

— Sim, claro — diz ela.

— Então, sim — respondo.

— Porque é que o meteste lá?

Asseguro-me de que tenho a boca fechada, para que ninguém consiga ver o meu cérebro. Depois, olho-a por cima dos óculos.

— Porque estava a gritar.

— Portanto, decidiste escondê-lo debaixo de todos os teus cobertores e correr o fecho da mala?

— Não — digo. — Deixei de fora a minha manta.

Porque a minha manta é a única coisa que me sobra do apartamento. Foi a mãe da Gloria, que era francesa, que a ajudou a fazê-la, quando ela fugiu comigo para o Canadá, depois de me ter no hospital. Elas fizeram-na juntas para mim e para mais ninguém. Eu estava sempre a embrulhar a minha Bonequinha nessa manta.

— Está bem, mas porque é que não tentaste acalmar o bebé? — pergunta a professora Lomos.

— Tentei, sim senhora, acalmar o bebé *eletrónico de plástico* — digo. — Disse-lhe «pronto, pronto, pronto» como é suposto fazer-se e tentei dar-lhe o meu dedo, mas o furo da boca dele não se abriu. Também lhe dei um biberão.

— E isso não resultou?

Abano a cabeça, para indicar que não.

— Fizeste mais alguma coisa para que o bebé se calasse? — diz o meu Pai Para Sempre.

Asseguro-me, novamente, de que tenho a boca fechada, para que ninguém consiga ver lá para dentro. Abano a cabeça uma segunda vez.

Porque mentir é algo que se faz com a boca. Uma mentira é algo que se *conta*.

— Tens a certeza? — insiste ele. — Pensa bem.

Portanto, penso bem. Acerca de manter a boca fechada.

— Ginny, o bebé eletrónico tem um computador lá dentro — diz a professora Lomos. — Regista quantas vezes o bebé é alimentado e lhe mudam a fralda, e quanto tempo chora. Até regista palmadas e abanões.

Está toda a gente a olhar para mim. Todos eles. A minha Mãe Para Sempre, junto ao meu Pai Para Sempre do outro lado da mesa, tem uma mão sobre a sua grande barriga redonda. Eu não sei o que são *palmadas e abanões*, mas ninguém me fez uma pergunta, pelo que mantenho a boca muito bem fechadinha.

O meu Pai Para Sempre pega num pedaço de papel e lê:

— O computador indicava que bateram 83 vezes no boneco e que o abanaram 4 vezes. — Pousa o papel. — Ginny, bateste no bebé?

— No bebé *eletrónico de plástico* — digo, muito embora haja a regra de *Não corrigirmos*.

— Não importa se o bebé era verdadeiro ou não — diz ele. — Nós pedimos-te para tentares tomar conta do bebé. Não podemos...

— Brian — diz a minha Mãe Para Sempre. E, depois, diz-me: — Ginny, não está certo bater no bebé nem abaná-lo. Ainda que o bebé não seja verdadeiro. Comprendes isso?

Eu gosto muito da minha Mãe Para Sempre. Ela ajuda-me com os trabalhos de casa, todas as noites, depois do jantar, e explica-me coisas quando elas não fazem sentido. Ainda por cima, jogamos damas chinesas quando eu regresso da escola. Portanto, digo:

— Quando eu estava no apartamento com a Glo...

— Nós sabemos o que acontecia no apartamento — interrompe ela. — E lamentamos muitíssimo que ela te tenha magoado. Mas não está certo magoar bebés, nunca. Portanto, precisamos que comeces novamente a ver a Patrice. Ela vai ajudar-te a preparares-te para seres irmã mais velha.

A Patrice é terapeuta. Terapeuta dos *afetos*. Não a vejo desde a Adoção, em junho. Antes disso, vivi um ano inteiro com os meus Pais Para Sempre na Casa Azul. Foi também nessa altura que comecei a frequentar a minha nova escola.

O que me recorda de que a Gloria *vem a caminho* neste preciso momento. Não sei quanto tempo levará a chegar aqui. Não sei se chegará cá antes de eu ir ver a Patrice. E isso é importante porque preciso de saber quando é que as coisas vão acontecer, para que possa contar e consultar o meu relógio e assegurar-me de que tudo funciona do modo que é suposto.

Depenico os dedos com força.

— Quando é que verei a Patrice? — pergunto.

— Vamos telefonar-lhe hoje e ver quando é que ela está disponível — diz a minha Mãe Para Sempre. — Provavelmente, no início da próxima semana, se ela tiver tempo na sua agenda. Aposto que ela arranjará uma vaga para ti.



14h45,
QUINTA-FEIRA, 9 DE SETEMBRO

A Gloria não veio hoje à escola. Eu esperei e esperei e, depois, o meu relógio e todos os relógios em todas as salas deram as 14h15 e tivemos os avisos da tarde. Então, a campainha tocou e eu fui lá para fora com todos os outros miúdos, para apanhar o autocarro.

Portanto, estou confusa.

Mas, neste preciso momento, estou confusa acerca de algo *mais premente*. A Patrice diz que *mais premente* significa *algo mais importante do que outra coisa qualquer*. A coisa *mais premente* é que alguém está zangado aqui na Casa Azul. Tenho de descobrir quem é.

É por isso que me encontro aqui no degrau da entrada do alpendre envidraçado. Ainda tenho a mochila às costas e estou a segurar na minha flauta. Vejo que a nossa caixa do correio foi derrubada e que há marcas de pneus no chão, o que significa que alguém *se pôs na alheta*. *Pôr-se na alheta* é o que as pessoas fazem quando estão num carro e estão verdadeiramente zangadas. Fico aqui parada, perguntando-me quem é que fez as marcas e, quando olho para cima, vejo o carro do meu Pai Para Sempre no caminho de acesso, junto ao da minha Mãe Para Sempre. Normalmente, ele está no trabalho. Ele é o orientador escolar do liceu.

Com um dedo, endireito os óculos. Volto a olhar para as marcas dos pneus. No meu cérebro, recordo-me de que, às 14h44, mesmo antes de o autocarro ter parado diante da Casa Azul, vi dois carros da Polícia a virem em direção contrária. Estavam a conduzir lentamente, pelo que respirei fundo e sustive a respiração até termos passado.

Eu não gosto de agentes da Polícia. Têm todos a mesma cabeça.

Depois, saí do autocarro e vi a caixa do correio e as marcas dos pneus.

Abro a porta do alpendre envidraçado. Imediatamente, cheiro fumo de cigarros. Na Casa Azul, ninguém fuma. O cheiro faz-me pensar no apartamento da Gloria.

Entro. A minha Mãe Para Sempre encontra-se de pé diante do lava-louça da cozinha, segurando num copo de água com uma mão e agarrando a barriga com a outra. O cabelo dela parece não ter sido penteado e tem linhas muito escuras debaixo dos olhos. Sem olhar para mim, diz:

— Olá, Ginny. Anda pousar as tuas coisas. Temos de falar contigo na sala de estar.

O seu tom de voz é sereno.

Vou pôr a mochila e a caixa da flauta no meu quarto e volto a sair.

— Olá, Filha Para Sempre — diz o meu Pai Para Sempre. Encontra-se de pé, junto à janela. — Aconteceu alguma coisa interessante na escola hoje?

— Não — digo —, mas gostaria de saber qual de vós é que está zangado. Eles olham um para o outro.

— Zangado? — diz o meu Pai Para Sempre.

Aceno com a cabeça, para dizer que sim.

— Porque é que um de nós haveria de estar zangado?

— Porque há marcas de pneus no relvado da frente. Qual de vós é que se pôs na alheta?

— Espera — diz ele. — Tu achas que, por haver marcas de pneus no relvado da frente, um de nós está zangado?

Volto a acenar com a cabeça, para dizer que sim.

A minha Mãe Para Sempre esboça um sorriso e, depois, ouço o som de uma respiração prolongada.

— Bem, suponho que isto vá ser mais fácil do que pensávamos — diz ela. — Ginny, nenhum de nós fez aquelas marcas de pneus.

Estou confusa, pelo que fico imóvel, a pensar.

— Antes de mais, regressemos à primeira pergunta — diz o meu Pai Para Sempre. — Aconteceu alguma coisa interessante na escola?

— Não — digo novamente.

— Fizeste um telefonema?

— Não.

— Alguém te foi visitar?

— Não.

— Alguém te perguntou a tua morada?

— Referes-te a hoje?

O meu Pai Para Sempre olha rapidamente para a minha Mãe Para Sempre e, depois, volta a olhar para mim.

— Sim. É claro que me refiro a hoje.

— Então, não.

— *Então, não?* — diz o meu Pai Para Sempre. — Nesse caso, então e ontem? Alguém te perguntou a tua morada ontem?

Mas aquilo foram duas perguntas de seguida e não sei bem a qual delas responder. Ainda por cima, há uma regra segundo a qual só posso responder a uma pergunta de cada vez. Porque só tenho uma boca e não sei qual das perguntas é *mais premente*. Portanto, abano a cabeça e mantenho a boca muito, muito, muito bem fechadinha. Pelo sim, pelo não.

A minha Mãe Para Sempre olha para o meu Pai Para Sempre. Coloca a mão no queixo.

— Bem, nesse caso, como raio é que ela nos localizou?

Portanto, eu digo:

— Como raio é que *quem* nos localizou?

— A pessoa que se pôs na alheta no relvado da frente — diz o meu Pai Para Sempre. — Mas não te preocupes, ela já desapareceu. A Polícia fê-la ir-se embora.

— Portanto, vocês não continuam zangados comigo por causa do boneco eletrónico de plástico?

Ele volta a olhar para mim como se não compreendesse o que eu quero dizer.

— *Zangados* não é a palavra certa — diz o meu Pai Para Sempre. — Estamos, simplesmente, *preocupados*.

Pergunto-me se eles estão a mentir. A Gloria estava sempre a mentir. Então, começo a perguntar-me se, porventura, eles descobriram que a Gloria vem *a caminho*, porque *zangados* é o que estariam todos, caso soubessem. Depenico e depenico os dedos e fecho os olhos e digo:

— Será que alguém, por favor, por favor, por favor, me diz qual de vós é que está zangado? — porque temos de ter cuidado perto de pessoas zangadas. Elas irritam-se e batem.

Então, a minha Mãe Para Sempre diz:

— Ginny, nós já te dissemos. Ninguém está zangado. Estás em segurança. Podemos falar acerca das marcas de pneus noutra altura. Para quê essa cara carrancuda? Vá, vai lavar-te e vestir-te. Vais para a quinta da sidra de maçã na próxima semana, e o teu aniversário está quase a chegar! E vais ver a Patrice na quarta-feira! Nós já falámos com ela e marcámos a consulta. Talvez a devesse marcar no teu calendário.

Mas a pergunta não era essa, pelo que não digo nada. Ainda por cima, aquilo que ela disse acerca da quinta da sidra de maçã não era verdade. A minha turma vai para lá a 21 de setembro, e não na próxima semana. E, agora, não me consigo lembrar da razão pela qual estava preocupada, mas, quando olho para cima, vejo os meus Pais Para Sempre a olharem para mim e a sorrirem. Sorrio-lhes de volta.

— Ginny, gostavas que te desse um abraço? — pergunta a minha Mãe Para Sempre.

Gostava, pelo que a deixo dar-me um. Ela tem de se inclinar para a frente, por ter a barriga tão grande.

— Agora, vai mudar de roupa — diz ela.

Entro no meu quarto e visto as minhas roupas de brincar. Olho para fora da janela, para o jardim, e volto a ver as marcas dos pneus.

E recordo-me.

Às vezes, é-me difícil aperceber-me das coisas. Distraio-me e esqueço-me de olhar para aquilo para que é suposto olhar. Ou entro tão profundamente no meu cérebro que me esqueço daquilo que é suposto saber. Mas, agora, sei que ninguém aqui na Casa Azul está zangado. Ninguém gritou e ninguém me bateu. Foi outra pessoa qualquer que fez as marcas de pneus, que, agora, já se foi embora, pelo que me posso preparar para ver a Gloria. Quando ela vier à escola, correrei lá para fora, para o Carro Verde, para ver se a minha Bonequinha está com ela. Caso não esteja, então, terei de entrar no carro e voltar ao apartamento. Muito embora não queira fazê-lo. Muito embora saiba o que me acontecerá. Porque tenho de ver se a minha Bonequinha ainda está na mala. Se estiver e eu não chegar *demasiado tarde*, então, terei de tirá-la de lá e *tomar muito bem conta dela*. Consigo aperceber-me de que a Gloria *não mudou nem um bocadinho*. Recordo-me de todas as drogas e dos gatos e dos homens estranhos à noite. Recordo-me do que ela me costumava fazer quando eu fazia demasiado barulho. Mas a pior parte é o Donald. Ele vai ficar mesmo muito zangado quando descobrir o que eu fiz. Vai deixar-me como morta. Foi o que a Gloria disse.

E eu acredito nela, muito embora seja ela a mentirosa.

Sempre que a Gloria saía para ir buscar mais *Maine Coons* ou para ir ter com o seu traficante, eu tinha a minha Bonequinha para me fazer companhia, mas, agora, a minha Bonequinha está lá sozinha. Não sei se se consegue ouvir alguma coisa quando se está numa mala com o fecho bem corrido. À espera.

Portanto, tenho de regressar.

Quando eu estiver a correr para o Carro Verde, talvez a situação da Gloria já *esteja melhor*. Talvez saia e me dê um grande abraço e diga:

«C'um caraças, Ginny! Cresceste mesmo muito! Ainda tens os olhos verdes? Apesar de teres sido adotada e de teres mudado de nome, terás sempre os olhos verdes. Faz parte de nós!»

Espero que ela tenha razão.



**6h45,
SEXTA-FEIRA, 10 DE SETEMBRO**

São 6h45, o que significa que são horas de ir para a escola. Tenho a minha mochila às costas e a caixa da minha flauta e estou a usar o meu relógio. Uso o meu relógio onde quer que vá, exceto no chuveiro.

O meu Pai Para Sempre está comigo. Normalmente, ele permanece no alpendre envidraçado enquanto eu saio e entro no autocarro, mas hoje quis acompanhar-me. Estamos a caminhar por cima da relva, rumo ao sítio onde o autocarro chega, que é no final do caminho de acesso. Passamos pelas marcas dos pneus. No chão, ao pé de uma das marcas, vejo uma caixa de plástico branca, pelo que a apanho. É uma caixa de *tic tac* com cinco drageias brancas no seu interior. Ergo a caixa e conto as drageias mais duas vezes. Abano-os. Chocalham.

— O que é isso? — pergunta o meu Pai Para Sempre.

Não respondo. A Gloria tinha sempre *tic tacs*. Cheirava sempre a *tic tacs* e cigarros. Os brancos eram os preferidos dela.

Então, recordo-me de que os cortinados do alpendre envidraçado também cheiravam a cigarros.

Olho para o meu Pai Para Sempre e abano a caixa. Aponto para eles.

— Estes são da Gloria — digo.

O meu Pai Para Sempre produz um som de respiração com a boca. Acena com a cabeça.

— Sim, provavelmente são — diz ele.

Então, pega neles porque diz que talvez estejam sujos, muito embora eu prometa não comer nenhum.

— Como é que vieram aqui parar? — pergunto.

— Bem... — começa a dizer, mas, depois, não diz mais nada.

O que isto significa é que a Gloria veio aqui à Casa Azul. Ontem. Foi *dai* que vieram as marcas de pneus. Era *ela*, a pessoa zangada. Veio quando eu estava na escola. Depois, arrancou e foi-se embora. O que quer dizer que veio ao local errado. O que quer dizer que não poderei correr para o parque de estacionamento para ver se a minha Bonequinha está no Carro Verde com ela. Não poderei regressar ao apartamento e verificar dentro da mala.

Para ter a certeza, digo:

— A Gloria veio à Casa Azul ontem?

— Sim — diz o meu Pai Para Sempre. — A Gloria veio à Casa Azul ontem.

— Trouxe a minha Bonequinha?

Ele olha para mim de um modo intrigado.

— Não, não trouxe a tua Bonequinha. Ginny, eu sei que nem sequer gostas de que o digamos, mas, se queres uma boneca nova, nós compramos-te uma. Queres ir à loja de brinquedos esta tarde?

— Não, obrigada, não quero ir à loja de brinquedos. — Uso a minha voz amistosa, muito embora fique verdadeiramente zangada quando as pessoas me fazem aquela pergunta. — Quando é que ela volta?

— Não vai voltar. Assustou bastante a tua mãe e fez uma cena danada. Até passou por cima da nossa caixa do correio.

Eu não sei o que é uma *cena danada*, mas sei que, quando a Gloria se zanga, grita muito e briga. Parte coisas e bate.

Olho para a caixa do correio. Encontra-se derrubada, com a parte lateral toda dobrada e a porta aberta. Como uma boca, imóvel.

— Ginny?

Saio de dentro do meu cérebro.

— O que é?

— Eu disse que ela não vai voltar. A Polícia veio dizer-lhe que não tem autorização para te visitar.

Mas eu sei que a Gloria nunca faz o que a Polícia lhe diz. É muito mãe. Eu sei que ela quer voltar e sei que tenho de a ajudar. Tenho de descobrir se já vou *demasiado tarde*. Muito embora tenha medo. Muito embora a Gloria fique mesmo *violenta* e seja absolutamente *pouco fiável*, que foi aquilo que um dos assistentes sociais disse. Tenho de saber o que é que aconteceu à minha Bonequinha.

Ouço o autocarro a vir do outro lado da curva.

— Depois da escola, podemos falar mais um pouco acerca disto — diz o meu Pai Para Sempre. — Parece-te bem?

Vejo o autocarro, pelo que começo a contar.

— Ginny?

— Estou a ver o autocarro — digo.

— Sim, eu estou a vê-lo também. Depois da escola, falaremos mais um pouco, se quiseres.

O autocarro leva 13 segundos até parar junto à berma da estrada. O meu Pai Para Sempre aperta-me o ombro. Não me *retraio* porque não faz mal ele fazer isso. Porque, uma vez, perguntou-me se me podia dar um abraço e eu disse que não, pelo que ele me perguntou se um aperto no ombro era aceitável e eu disse-lhe que sim. A minha Mãe Para Sempre pode dar-me um abraço, se pedir, mas o meu Pai Para Sempre é um homem, pelo que tem de ser um aperto no ombro.

O meu cérebro está a movimentar-se demasiado depressa. As imagens lá dentro são como mãos a voarem-me contra a cara.

— Ginny?

— Adeus — digo.

E, depois, entro no autocarro.



7h04,
SEXTA-FEIRA, 10 DE SETEMBRO

Quando chego à escola, a professora Lomos está lá à espera, no passeio, mesmo junto ao local onde o autocarro para. Hoje, os brincos dela parecem peras de prata.

— Bom dia, Ginny — diz ela, quando eu desço do último degrau.

— Bom dia — digo, porque é isso que se diz quando alguém nos diz «Bom dia».

Às vezes, também gosto de dizer «Como está?» depois de dizer «Bom dia», mas estou a pensar em qual será a melhor altura para pedir ao Larry para voltar a ir à Internet, para dizer à Gloria onde se encontrar comigo. Porque ela não veio à escola, como era suposto. Tenho de ajudá-la a *fazer as coisas bem feitas*. Estou em crer que a biblioteca é um bom sítio para eu ir à Internet porque, às vezes, não estão lá professores.

— Quero apresentar-te a Sra. Wake — diz a professora Lomos.

Levanto o olhar das minhas mãos e vejo uma senhora que se encontra ao lado da professora Lomos. É uma velhota com óculos e uma camisola branca. Não está a usar uma blusa do Michael Jackson. Eu adoro o Michael Jackson porque ele não é como os outros homens. Não é grande e barulhento. Não é assustador. É a pessoa mais agradável do mundo e, quando ouço a música dele, sinto que faço parte de uma roda, calçando pequenos sapatos brancos e, quando me sinto assim, apetece-me saltar alto e pôr os pés para trás e girar quando aterro e colocar os ombros bem para cima e dizer «Oooh!».

Mas tenho dificuldade em falar acerca daquilo que sinto. A Patrice diz que isso faz parte do meu *distúrbio*.

— A Sra. Wake vai acompanhar-te a todas as tuas aulas — diz a professora Lomos.

— E vai comigo para a biblioteca? — pergunto.

A professora Lomos olha para mim com um ar estranho.

— Não creio que a tua turma vá para a biblioteca hoje, Ginny. O que é que tens de fazer na biblioteca?

— Há livros na biblioteca — digo, muito embora também lá haja computadores.

— Há, sim. Talvez a Sra. Wake te possa ajudar a escolher um.

A Sra. Wake sorri-me. Não lhe sorrio de volta.

— Olá, Ginny — diz ela. — Muito prazer em conhecer-te.

A primeira aula é, novamente, Inglês. A Sra. Wake senta-se ao meu lado o tempo todo e tenta ajudar-me com as perguntas acerca de um homem chamado Nathaniel Hawthorne. Quando a segunda aula chega ao fim, vou para a Sala 5 com o Larry e a Kayla Zadambidge e a Alison Hill. Quando chego à mesa e me sento, a Sra. Wake, finalmente, sai para ir à casa de banho, pelo que digo:

— Pronto, Larry. Preciso de ir à Internet.

E ele diz:

— Eh, pá, está um computador ali mesmo — e aponta enquanto canta uma canção que diz: «Se o queres, ali está ele, basta ires lá buscá-lo.»²
— Mas não te vais meter em problemas? — pergunta ele quando termina.

Estou prestes a dizer-lhe que *ele* pode ir à Internet por mim, mas nesse momento a professora Dana entra na sala. Senta-se à mesa e começa a lembrar-nos de como usar uma agenda. Decido não dizer já ao Larry que não me meterei em problemas se ele for à Internet em vez de mim. Mais tarde, dir-lhe-ei que posso, simplesmente, olhar por cima do ombro dele enquanto ele vê o *Facebook* ou o *Manicoon.com*. Mas a professora Dana não para de falar e falar e, depois, a Sra. Wake regressa, pelo que guardo o meu novo plano secreto no meu cérebro e fecho a boca, para que ninguém o veja.

Às 9h42, vou para a sala de estudo passar o intervalo. A Sra. Wake vem comigo.

Às 9h55, vou para o ensaio da banda. A Sra. Wake vem comigo.

Quando chego à sala da banda, ela senta-se junto à porta e eu vou até à minha estante de partituras e tiro a minha flauta da caixa. O professor

² *Come and Get It*, canção composta por Paul McCartney, em 1969. [N. do T.]

Barnes, que orienta a banda, diz que o *Harvest Concert*³ será na segunda-feira, dia 18 de outubro. Diz que tocaremos duas canções sobre o outono, uma sobre o Dia das Bruxas e uma sobre a *harvest moon*⁴.

Às 11 horas, é altura da aula de Estudos Sociais. A Sra. Wake segue-me pelo vestíbulo fora, passando pela cafetaria e pelos cacifos. Segue-me até à sala de Estudos Sociais e senta-se ao meu lado, à minha esquerda.

Asseguro-me de que tenho a boca fechada, para que ninguém consiga ver aquilo em que estou a pensar.

A professora Merton, de Estudos Sociais, está a escrever apontamentos no quadro. Fá-lo todos os dias. É suposto nós copiarmos os apontamentos para o nosso caderno.

Olho para a Sra. Wake.

— Não tenho o meu caderno — digo.

É verdade, porque não tenho o meu caderno de Ciências comigo.

— Onde é que ele está? — pergunta ela.

— Na Sala 5.

A Sra. Wake olha para o quadro. A professora Merton já escreveu três frases. Todos os outros alunos estão a copiá-las.

— *Tens* de escrever os apontamentos no teu caderno?

— Sim — digo.

— Está bem. Vou a correr à Sala 5, buscá-lo. Por agora, copia os apontamentos numa folha de papel em branco. Podemos agrafá-la ao teu caderno quando eu voltar. Podes dizer-me de que cor é?

Volto a pensar intensamente.

— Verde — digo. — Está na minha prateleira.

A Sra. Wake sai. Mal ela desaparece, levanto a mão. A professora Merton vê-me e diz:

— Sim, Ginny?

— Posso ir à casa de banho?

— Vai e aponta a saída — diz a professora Merton.

Portanto, ponho-me de pé, dirijo-me à porta e aponto a saída na lista de saídas. Começo a caminhar pelo corredor, rumo à biblioteca. Fica a três salas de distância. Estou quase lá quando ouço o meu nome.

— Ginny?

Viro-me. É a professora Merton.

³ Concerto integrado num festival realizado por altura das colheitas. Nos Estados Unidos, normalmente, ocorre no Dia da Ação de Graças. [N. do T.]

⁴ Lua cheia, próxima do equinócio de outono. [N. do T.]

— A casa de banho do oitavo ano é para o outro lado — diz ela. — Não é suposto usarmos a que fica ao pé da biblioteca, porque essa é para os professores.

Apetece-me dizer «Caraças!» porque não vou conseguir ir ao computador para falar com a Gloria. Há quatro anos que os professores e os Pais Para Sempre me impedem de usar a Internet. Durante algum tempo, desisti e tentei fugir e procurar na lista telefónica, mas nenhuma dessas coisas resultou. Tenho de ser *espertalhona* e fazer com que *isto* resulte. Estou tão zangada que me apetece assobiar.

Mas não o faço. Em vez disso, volto para trás, percorrendo novamente o corredor. Passo pela professora Merton e, depois, passo pela Sra. Wake que vem a sair da Sala 5.

— Ginny, onde é que vais? — pergunta ela.

— A professora Merton disse que eu podia ir à casa de banho.

— Está bem — diz ela. — Vamos depressa, para que possamos voltar para os Estudos Sociais. Ah, e encontrei o teu caderno. — Ela ergue-o, para que eu o possa ver. — No entanto, só tem os teus apontamentos de Ciências. Vejamos na tua mochila, para ver se o outro está lá.

Enternecedor e repleto de momentos inesperados, este romance apresenta-nos Ginny Moon, que na sua jornada até um novo lar descobre o verdadeiro significado da palavra família.


Eu tenho medo pela minha Bonequinha. Ela é pequenina e não consegue alimentar-se sozinha. A mãe Gloria passa-se da cabeça. Porque é que ninguém acredita quando digo que a Bonequinha está sozinha e que tenho de a ajudar? Nem mesmo os meus novos Pais Para Sempre, que vivem na Casa Azul, acreditam em mim...

Ginny tem autismo. Nem sempre entende o que ouve. Nem sempre tem a capacidade para distinguir o que é real. Mas sabe que foi retirada à mãe, e que esta era violenta e consumia drogas; e sabe, também, que precisa de voltar para junto da sua Bonequinha. Esta obsessão e o seu comportamento errático e agressivo levaram a que duas adoções fossem anuladas.

Poderá Ginny ter razão? Às vezes, o seu novo pai adotivo fica com a sensação de que a Bonequinha poderá ser algo mais. Mas, como já explicou a Ginny inúmeras vezes, não existe qualquer registo de outra criança na sua antiga casa. Porque não conseguirá Ginny ultrapassar esta questão?

«Benjamin Ludwig tem uma forma singular de filtrar as tensões domésticas através do olhar hiperalerta, ainda que enviesado, de uma criança com necessidades especiais.»

THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8869-86-9  9 789898 869869 Literatura Traduzida
--	--